

## TRABALHOS DE PESQUISA

---

# ASPECTOS SOCIOEMOCIONAIS ENVOLVIDOS NA TRANSEXUALIDADE: UM ESTUDO DE CASO

Roberto Nascimento de Albuquerque,<sup>1</sup> Matheus Máximo<sup>2</sup>

SOCIOEMOTIONAL ASPECTOS INVOLVED IN TRANSEXUALITY: A CASE STUDY

ASPECTOS SOCIOEMOCIONALES INVOLUCRADOS EN LA TRANSEXUALIDAD:  
UN ESTUDIO DE CASO

**Resumo:** O processo transexualizador tem sido motivo de diversas discussões, porém não se observa o mesmo espaço para debater sobre isso sob a visão da pessoa transexual. Nesse contexto, o presente trabalho buscou identificar os aspectos socioemocionais envolvidos no processo transexualizador por meio de um estudo de caso. A coleta e análise de dados proporcionaram a elaboração das seguintes unidades de significados: *A descoberta da identidade de gênero; O sofrimento; A transfobia; Motivação para o processo transexualizador; O pós-cirúrgico e o futuro.* O processo transexualizador deve ser visto como um direito da população transexual e garantido pelo Sistema Único de Saúde. Além disso, transexuais que passam por esse procedimento aumentam sua autoestima, além de diminuir o sofrimento psíquico que, muitas vezes, acarreta sérios transtornos mentais e, em casos extremos, o suicídio.

**Palavras-chave:** Transexualidade. Pessoas transgênero. Cirurgia de readequação sexual. Sexualidade. Saúde mental.

**Abstract:** The gender affirming process has been the subject of several discussions, but the same space to debate about it from the perspective of the transexual person is not observed. In this context, the present study sought to identify the socio-emotional aspects involved in the gender affirming process through a case study. The data collection and analysis of data provided the elaboration of the following units of meaning: *The discovery of gender identity; The suffering; Transphobia; Motivation for the transsexualizing process; Post-surgery and the future.* The gender affirming process must be seen as a right of the transexual population and guaranteed by the Unified Health System. In addition, transexuals who undergo this procedure increase their self-esteem, in addition to decreasing the psychological distress that often causes serious mental disorders and, in extreme cases, suicide.

**Keywords:** Transexualism. Transgender Persons. Sex Reassignment Surgery. Sexuality. Mental Health.

**Resumen:** El proceso de transexualización ha sido objeto de varias discusiones, pero no se observa un mismo espacio para debatirlo desde la perspectiva de la persona transexual. En este contexto, el presente estudio buscó identificar los aspectos socioemocionales involucrados en el proceso de transexualización a través de un estudio de caso. La recopilación y análisis de datos proporcionó la elaboración de las siguientes unidades de significado: *El descubrimiento de la identidad de género; El sufrimiento; Transfobia; Motivación para el proceso de transexualización; Postoperatorio y futuro.* El Sistema Único de Salud; El posquirúrgico y el futuro. El proceso de transexualización debe ser visto como un derecho de la población transexual y garantizado por el Sistema Único de Salud. Además, las transexuales que se someten a este procedimiento aumentan su autoestima, además de disminuir el malestar psicológico que muchas veces conduce a trastornos mentales graves y, en casos extremos, suicidio.

**Palabras Clave:** Transexualidad. Personas Transgénero. Cirugía de Reasignación de Sexo. Sexualidad. Salud Mental.

---

<sup>1</sup> Enfermeiro. Mestre e Doutor em Enfermagem. Professor Assistente do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) nas áreas de Relações Humanas, Relações Psicossociais, Saúde Mental. E-mail: [albuquerque.roberto@gmail.com](mailto:albuquerque.roberto@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmico de Enfermagem no Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). E-mail: [matheusmaximo\\_@hotmail.com](mailto:matheusmaximo_@hotmail.com)

## Introdução

A sexualidade é o que há de mais particular no indivíduo, tornando-se uma das características que mais o identifica como ser humano. Além disso, a sexualidade é um componente cultural da maneira que essa pessoa vivencia o mundo, ou seja, uma experiência pessoal, única e marcada profundamente pela cultura em que cada ser está imerso (RESSEL; GUALDA, 2003).

Porém, a ampla discussão sobre a sexualidade sem a contribuição científica, resulta em visões equivocadas e distorcidas, gerando mitos e tabus sexuais. Essas visões causam discriminações sociais com o que é taxado como fora do normal (PEREIRA; MONTEIRO, 2015).

Antes da 14ª semana de gestação é possível identificar a genitália do embrião, seja por meio de exames laboratoriais ou ultrassonografia e classificá-lo como masculino ou feminino. Porém, essa classificação leva em consideração apenas o aspecto genital ou o sexo cromossômico do indivíduo. Com o passar dos anos, aquelas pessoas que não se identificam com o gênero designado ao nascer a partir do reconhecimento do sexo genital ou do sexo cromossômico são designadas ou consideradas transexuais (GOMES et al., 2018; MONTENEGRO; REZENDE, 2018).

Ressalta-se que a sexualidade humana vai além de questões biológicas; ela precisa ser entendida em sua complexidade por meio de definições como sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual. O sexo biológico diz respeito ao sistema genético majoritário que representa aquele sexo biológico, ou seja, XX, XY ou outro. A identidade de gênero pode ser vista como a pessoa se identifica, se percebe, como é ou está perante suas relações sociais. Já a orientação sexual diz respeito a “por quem” aquela pessoa se atrai, física ou sexualmente (SONETTI, 2018).

Nesse contexto, diversas identidades sexuais e de gênero foram “construídas socialmente”, e as pessoas transexuais — pessoas que nasceram com um sexo biológico, porém se identificam com o sexo oposto — encontram-se nesse amplo aspecto da sexualidade humana. (GARCIA, 2010). E para se sentirem à vontade com seu corpo e sua mente, este público têm buscado diferentes tratamentos e possibilidades de alterarem fisicamente seu corpo, tais como: tratamento hormonal, cirurgias de redesignação sexual, mastectomia masculinizadora, dentre outros. Esses métodos são conhecidos como processo de transição de gênero (LIMA; CRUZ, 2016; PETRY, 2015).

Vale ressaltar que, muito se tem discutido sobre as questões fisiológicas e cirúrgicas do processo transexualizador, porém não se abre muito espaço para falar sobre as questões socioemocionais que estão inerentes ao processo (SAMPAIO; COELHO, 2012).

Frente ao exposto, o presente estudo tem como objetivo geral identificar os aspectos socioemocionais envolvidos no processo transexualizador.

## Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, exploratório, por meio de um estudo de caso que buscou identificar os aspectos socioemocionais envolvidos no processo transexualizador de um homem transexual.

Ressalta-se que o estudo de caso é uma importante metodologia de pesquisa, pois tem a capacidade de reunir o maior número de informações, dados e evidências, as quais podem contribuir consideravelmente para a investigação da situação. O percurso metodológico dessa pesquisa cumpriu as sete fases do estudo de caso preconizadas por Yin (2005): (1) definição do tema/problema de pesquisa; (2) definição do caso (nesta pesquisa será caso único); (3) descrição das preposições teóricas; (4) elaboração do Protocolo de Estudo de Caso; (5) coleta de dados; (6) análise e interpretação dos resultados.

Os critérios de inclusão foram: pessoa transexual masculino ou feminino, acima de dez anos, que já tivesse passado por algum processo transexualizador e que concordasse em participar da pesquisa.

A busca por esses indivíduos transexuais se iniciou em janeiro de 2020 por meio de contato direto com Organizações Não Governamentais (ONGs) voltadas ao público LGBTQ+ do Distrito Federal. Após diversas tentativas, os pesquisadores localizaram e contataram o sujeito desta pesquisa (um homem transexual) por meio das redes sociais, o qual concordou em participar da pesquisa.

Inicialmente foi marcada uma conversa no terraço de um shopping da cidade. Nesse momento, os pesquisadores explicaram sobre os objetivos da pesquisa, solicitaram a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido por parte do sujeito de pesquisa e iniciou-se a entrevista semiestruturada em fevereiro de 2020. Esse período durou, aproximadamente, três horas.

Contudo, foram necessários encontros adicionais com o sujeito da pesquisa. Ressalta-se que, dias após a primeira entrevista, o Governo do Distrito Federal decretou o fechamento de escolas, locais públicos e comerciais devido à pandemia do COVID 19. Esse isolamento social fez com essas reuniões fossem realizadas por meio de chamadas de vídeo e telefonemas. Desta maneira, foram realizados mais quatro momentos — um presencial, dois por chamada de vídeo e um telefonema.

A coleta e análise dos dados proporcionaram a elaboração das seguintes unidades de significados: A descoberta da identidade de gênero; O sofrimento; A transfobia; Motivação para o processo transexualizador e; O pós-cirúrgico e o futuro.

Os dados coletados foram armazenados com o auxílio de um gravador de voz, transcritos em sua totalidade e examinados por meio da análise de conteúdo de Bardin (1977) e da triangulação de dados de estudo de caso, proposta por Yin (2005).

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob número 3.780.714 e respeitou todos os princípios éticos da Resolução nº 466, de 12 de dezembro, do Conselho Nacional de Saúde.

## Resultados e discussão

Para garantir a confidencialidade do sujeito da pesquisa, o mesmo será chamado de Pedro.

Pedro é um jovem transhomem, 25 anos de idade, militante pró-causa LGBTQ+, estudante de pós-graduação na área da saúde, negro, possui emprego fixo, e, às vezes, atua como *drag queen*; reside com a mãe em cidade-satélite do Distrito Federal. Refere ter realizado alguns procedimentos cirúrgicos como a mastectomia masculinizadora, laqueadura e posteriormente a ooforectomia.

Pedro mencionou que as intervenções cirúrgicas supracitadas foram realizadas com auxílio do plano de saúde de sua mãe, de quem era dependente. Essas intervenções foram acompanhadas por médicos endocrinologistas (terapia hormonal) e cirurgiões especializados em cirurgias transexualizadoras. Porém, com o cancelamento do plano de saúde de sua mãe, Pedro passou a frequentar ambulatórios de cuidados às pessoas transexuais, serviço oferecido gratuitamente pelo Governo do Distrito Federal.

Ele disse que tem uma boa relação com a sua mãe; em relação ao seu pai, ele teve contato até os dez anos de idade, quando seus pais se separaram. Desde então relatou que seu pai só entra em contato quando precisa de algo.

### A descoberta da identidade de gênero

Pedro relatou que desde criança gostava de utilizar roupas masculinas. Sua mãe não se incomodava com esse fato. Registros fotográficos foram apresentados da época que tinha dois anos de idade. Ele já se considerava “um garoto”.

*Minha transexualidade vem desde criança; sentia que aqueles pronomes femininos não me pertenciam. Eu já tinha comportamentos mais masculinos [...] Usava roupas mais folgadas, tentava usar faixas pra tentar esconder meus seios [...]. Mas sei que isso não seja determinante para falar que alguém é transexual.*

Em determinadas pessoas, a elaboração do corpo dito masculino ou feminino pode iniciar-se desde cedo. A pessoa começa a se identificar com símbolos, objetos e atitudes voltadas ao homem ou mulher. Quando essas identificações não são socialmente ligadas ao próprio sexo biológico, o sofrimento psíquico pode aparecer (SILVA; BEZERRA; QUEIROZ, 2015).

Butler (2004), contudo, ressalta que a identidade de gênero não deve ser interpretada como uma identidade estável, ou seja, é uma identidade delicadamente

constituída com o tempo. A autora ressalta que o corpo se mostra e se produz de maneira cultural, ou seja, de maneira performativa. Portanto, não deveria haver atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos. O fato de a realidade do gênero ser construída mediante performances sociais contínuas significa que as noções de masculinidade ou feminilidade também são constituídas como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero. Além disso, a dominação masculina e da heterossexualidade compulsória faz com que outras configurações de gênero sejam vistas como erradas ou repulsivas.

Portanto, Pedro comentou que essa dificuldade de se perceber um menino no corpo de uma menina lhe causou bastante sofrimento e dor. Ela teve o primeiro contato com o tema de transexualidade por volta dos 19 anos de idade, momento que teve acompanhamento psicológico para tentar superar esse sofrimento.

*Sofri muito com essa situação. Aí minha mãe achou melhor me levar ao psicólogo. Foi mais ou menos com 19 anos que eu descobri realmente o que eu era e tive o meu primeiro contato com o termo transexual. Minha psicóloga me perguntou se eu já tinha ouvido falar sobre pessoas trans. Aí eu fui pesquisar e comecei a me identificar com tudo.*

É comum que indivíduos transexuais possuam aversão à sua genitália e suas características físicas. Com isso, procuram meios para diminuir o desconforto, tais como o uso de vestimentas mais folgadas para disfarçar os seios, vestir-se com roupas do gênero desejado, evitar a visualização e o uso da sua genitália, e recorrer ao tratamento hormonal e cirúrgico para bloquear as características primárias à sua genitália (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Essa descoberta da transexualidade de Pedro fez lembrar umas das publicações de João Nery, um dos transexuais mais expoentes do Brasil, o qual publicou o livro, em 2011, chamado *Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois*. Nery comentou que foi em uma livraria de Paris que se deparou com uma revista científica chamada *Sexualité*; nessa revista um dos artigos era de um médico que havia realizado em alguns países cirurgias de redesignação sexual. Apesar de falar especificamente de mulheres trans, o artigo menciona a possibilidade de realizar tal cirurgia com homens trans (NERY, 2011).

### O sofrimento

Pedro comentou que sofreu muito com a situação da transexualidade. Ele disse que, apesar de considerar sua mãe autoritária, atualmente referiu total apoio materno. Mas afirmou que questões familiares foram importantes motivos de aumento do seu sofrimento psíquico.

*Hoje minha mãe me aceita. Antes era complicado. Apesar dela não ter tido estudo formal, ela sabe muita coisa da vida, mas ela não sabe muito sobre pessoas trans. Acho que*

*minha mãe me apoia do jeito dela. Meu pai, saiu de casa quando tinha uns dez anos; ele se separou da minha mãe. E a ausência dele não foi legal. Quando a gente cresce a gente começa a perceber que precisava de afeto, de carinho. Me sentia muitas vezes usado.*

A aceitação de um/uma filho/filha que não se identifica com o gênero designado ao nascimento a partir do reconhecimento do genital ou do sexo cromossômico tem sido bastante incomum no seio familiar. Tendo em conta a crença de que o corpo é algo atribuído naturalmente e determinante à identidade de homens e mulheres, espaços construídos de forma heteronormativa fazem com que pessoas transgênero não se sintam confortáveis em certos locais, dentre eles dentro da própria casa (SILVA; BEZERRA; QUEIROZ, 2015).

Pedro relatou que as questões de gênero lhe causaram intenso sofrimento psíquico. Segundo ele, todas essas questões foram cruciais para o desenvolvimento de episódios depressivos dentro do transtorno afetivo bipolar.

*Eu comecei acompanhamento psicológico porque estava tendo depressão e transtorno bipolar por causa dessas questões de gênero. Além disso, me automutilava. Já cheguei a capotar um carro, tentar suicídio, tomar remédio pra uma dor interna. Era uma dor de cabeça sem explicação, uma angústia no peito, mas nunca passava.*

Pessoas transexuais procuram serviços voltados a saúde mental por diversos motivos, tais como a insatisfação com a genitália, a necessidade de serem tratados de acordo com o gênero que se identificam, o descontentamento com o sexo biológico e a não aceitação da família em relação à transexualidade, comportamentos de auto-extermínio, depressão, transtornos alimentares e autolesão não suicida (MARCIA; Zaidhaft; Murta, 2008).

Esse sofrimento psíquico apresentado por Pedro também foi verificado por Buck Angel, transhomem norte-americano, defensor, conferencista e escritor de diversas publicações no gênero da transexualidade. Segundo Angel, ele enfrentou intenso sofrimento psíquico em sua adolescência em razão de sua rejeição à imagem corporal feminina que possuía. Ele passou a ter tanta raiva do próprio corpo que esmurrava seus seios para que parassem de crescer. Além disso, o sentimento de isolamento e desespero fez com que ele tivesse comportamentos autodesestrutivos, envolvendo-se com álcool, drogas e autolesões não suicidas (Mendes, 2017).

### **A transfobia**

Pedro afirmou que já sofreu bastante preconceito por ser um homem transexual. Ele acredita que sua identidade de gênero foi um fator importante para ter sido demitido de uma empresa em que trabalhava.

*Acho que já fui claramente demitido por ser trans. Eu estava no começo do processo de transição tipo aquela fase que a gente é meio andrógono. Eu ainda me vestia meio homem, meio mulher. Até porque não tinha dinheiro pra comprar o que eu queria. Além disso, ainda não tinha mudado meu nome nos meus documentos; isso causa uma confusão na cabeça das pessoas. Depois de 9 meses trabalhando em uma empresa, me demitiram e alegaram corte de gastos. Dias depois me enviaram um e-mail dizendo que eu não me encaixava nos padrões da empresa. Na mesma hora perguntei que padrões eram esses, afinal nunca faltei, já trabalhei doente, ia pra todas as reuniões e sabia que tinham outros funcionários que não faziam tudo isso e não foram demitidos. Depois percebi claramente que isso foi transfobia.*

O público transgênero é vítima de situações que o impede de usufruir, em sua totalidade, de direitos fundamentais como: a utilização de nomes sociais, dificuldade de adequar seu registro civil perante a justiça, acesso à educação e saúde, ao mercado de trabalho qualificado e formal, impedimento de utilizar espaços públicos e até mesmo de banheiros, além de violências diversas, como agressões físicas, verbais e ameaças de morte. Essas situações são denominadas transfobia (Jesus, 2013).

Para Pedro, outro momento claro de transfobia aconteceu na rua.

*Meu cabelo era platinado e usava uma franja. Uma vez, um cara perto de casa passou fino de mim com o carro e eu xinguei. De repente, o cara voltou e jogou o carro em cima de mim. Quando me assustei, meu capuz do casaco caiu e meu cabelo apareceu. Aí foi xingamento pra tudo quanto é lado – veado, gay, bichinha. Chorei muito, até porque, na época, eu não tinha acompanhamento psicológico.*

Observa-se, claramente, que a homofobia/transfobia tem sido comum entre as pessoas transgênero, já que muitos indivíduos associam de maneira equivocada orientação sexual, identidade de gênero e sexo biológico (Rodríguez; Cervantes; Martínez-Guzmán, 2015).

Conviver com o risco iminente de sofrer violência por simplesmente ser quem você é, faz com que os índices de suicídio entre transexuais aumentem consideravelmente. De acordo com o relatório *Transexualidade e Saúde Pública no Brasil*, de 28 transmasculinos entrevistados 85,7% deles já pensaram e/ou tentaram o suicídio (Souza, 2015).

### **Motivação para o processo transexualizador**

Questões emocionais e sociais foram cruciais para Pedro decidir-se pelo processo transexualizador. Esse processo é um conjunto de métodos de atenção à saúde voltadas com o objetivo de transformar as características sexuais sofridas por indivíduos transexuais em algum momento de sua vida. Essas ações são necessárias para



garantir o direito à saúde em condições da passagem para a vivência de gênero (SOARES, 2018).

Os serviços realizados envolvem a hormonioterapia, o acompanhamento clínico, oferta de serviços de psicologia e social, procedimentos cirúrgicos como a cirurgia de redesignação sexual, histerectomia, mastectomia masculinizadora, tireoplastia, dentre outros (ROCÓN; SILVA; SODRÉ, 2018).

Pedro referiu que esse processo teve seu auge quando decidiu fazer a cirurgia de mastectomia masculinizadora (retirada das mamas) e a hormonioterapia (no seu caso, injeções de testosterona).

*Não gostava de me ver no espelho. Não gostava dos meus seios. Além disso, pensei em fazer a mastectomia pra me aceitar e também ser aceito nos trabalhos que minha profissão, na época, me exigia.*

Observa-se que o público trans procura medidas de transformar o corpo, primariamente devido à constante presença do sentimento de angústia para com a genitália, e posteriormente para sentir-se bem consigo mesmo no contexto social em que vive (ROCÓN et al., 2019).

### O pós-cirúrgico e o futuro

A realização dos procedimentos cirúrgicos ocorridos em Pedro aumentou sua autoestima e mudou consideravelmente a maneira como ele se sentia e como se apresentava na sociedade.

*Tudo isso mudou a minha vida, mudou o meu autocuidado. Antes eu não gostava de higienizar o peito, eu transava de top ou blusa. Depois que eu fiz a cirurgia da mastectomia me senti mais confortável para transar sem roupa. Às vezes, dependendo da roupa que eu uso, meu peito fica com o formato mais masculino, eu gosto disso.*

Pedro também relatou que tem interesse em continuar as modificações corporais para se tornar mais completo do ponto de vista social. Intrinsecamente, ele já se reconhece como homem **há muito tempo**.

*Já pensei em modular minha voz, em harmonizar a minha face, tipo o queixo, nariz, mas agora não é uma coisa urgente pra mim. Penso em fazer transplante capilar, outra cirurgia chamada metoidioplastia... É uma cirurgia que faz com que desvie o canal da uretra para o clitóris e aí a pessoa pode fazer xixi em pé. Tem muita coisa que ainda quero fazer. Com certeza vou ter mais qualidade de vida.*

O desejo de Pedro de fazer a cirurgia de redesignação sexual também é o desejo de muitos homens trans. Contudo, a decisão de “ceder” o prazer sexual em nome de corresponder a uma imagem corporal do que deveria ser um homem é uma questão bastante intrigante entre os homens trans.

É o caso de Buck Angel citado anteriormente. Ele mesmo decidiu não se submeter a neofaloplastia. Alguns

segmentos da própria comunidade trans se recusam a reconhecê-lo como transexual, exatamente pela não realização da transgenitalização (MENDES, 2017).

Porém, vale ressaltar que a definição de qualidade de vida envolve questões físicas, sociais e emocionais e pode ser definida como a percepção que a pessoa tem em relação à sua inserção na vida, na cultura e nos sistemas de valores com os quais convive. A pessoa se sente bem em relação aos seus objetivos, expectativas e preocupações. Além disso, refere-se ao grau de satisfação das necessidades humanas, que tem como referência noções subjetivas de conforto, bem-estar e realização individual e coletiva (BRASIL, 2012). Assim, de acordo com o relato de Pedro, a neofaloplastia traria a ele uma melhor qualidade de vida.

Frente ao exposto nesta pesquisa, ao se pensar no futuro dessa discussão sobre a transexualidade, faz-se necessário refletir sobre a crítica feita pelo filósofo espanhol e escritor feminista transgênero, Paul Beatriz Preciado (apud HAILER, 2015), o qual diz

enquanto estivermos num sistema binário, dotado pelo contrato social da ‘natureza’, algumas questões nunca serão resolvidas. Um sistema liberal pautado pela natureza jamais vai ‘aceitar’ corpos trans ou configurações familiares fora da ordem homem X mulher. E o contrato contrassexual é destruir os limites impostos pela ‘normalidade’ e ‘anormalidades’, ainda que esta seja vista como uma estratégia política.

### Considerações finais

A questão da transexualidade vai além de questões biológicas, sexuais ou mesmo cirúrgicas. Frente ao exposto, os aspectos socioemocionais que envolveram essa questão perpassaram por diversas situações, tais como: a não aceitação do próprio corpo, dificuldades na descoberta da identidade sexual, problemas relacionados à aceitação da família, a rejeição com o próprio corpo, o desconhecimento da própria transexualidade, a automutilação e o risco de suicídio, a transfobia por parte da sociedade, a dificuldade de se sentir aceito, bem como a baixa autoestima situacional.

Dessa maneira, faz-se necessário que novos estudos sejam realizados para desmistificar a questão da transexualidade, bem como as estratégias que garantam a diminuição do estigma e preconceito frente à pessoa transexual, além de garantir dos direitos humanos que essa população merece.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *DSM-V: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. 5. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2014.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Glossário temático: promoção da saúde*. Ministério da Saúde, 2012. (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario\\_promocao\\_saude\\_1ed.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario_promocao_saude_1ed.pdf). Acesso em: 09 dez. 2020.

BUTLER, J. *Undoing gender*. New York; London: Routledge, 2004.

GARCIA, E. A. “Mudança de sexo” e suas implicações jurídicas: breves notas. *Revista da EMERJ*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 52, p. 181-201, 2010. Disponível em: [http://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj\\_online/edicoes/revista52/Revista52\\_181.pdf](http://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista52/Revista52_181.pdf) Acesso em: 09 dez. 2020.

GOMES, R. et al. Gênero, direitos sexuais e suas implicações na saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, p. 1997-2006, jun. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018236.04872018>. Acesso em: 09 dez. 2020.

HAILER, M. Manifesto Contrassexual, de Beatriz Preciado, é lançado no Brasil. *Revista Fórum*, Santos, 20 fev. 2015. Seção Cultura. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/manifesto-contrassexual-de-beatriz-preciado-e-lancado-brasil/>. Acesso em: 09 dez. 2020.

JESUS, J. G. de. Transfobia e crimes de ódio: *Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio*. *História Agora*, v. 16, n. 2, p. 101-123, 2013. Disponível em: <http://jaquejesus.blogspot.com.br/2015/08/transfobia-e-crimes-de-odio.html>. Acesso em: 09 dez. 2020

LIMA, F.; CRUZ, K. T. Os processos de hormonização e produção do cuidado em saúde na transexualidade masculina. *Sexualidad Salud Y Sociedad*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 23, p. 162-186, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2016.23.07.a>. Acesso em: 09 dez. 2020.

MARCIA, A.; ZAIHAF, S.; MURTA, D. Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 70-79, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822008000100008>. Acesso em: 09 dez. 2020.

MENDES, R. O. Buck Angel, transexualidade e gênero: algumas considerações psiqueeranalíticas sobre os sexos de Angel. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, v. 47, n. 1, p. 91-110, jul. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372017000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000100008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 09 dez. 2020.

MONTENEGRO, C. A. B.; REZENDE F. J. *Rezende Obstetrícia Fundamental*. 14. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018.

NERY, J. W. *Viagem solitária: memória de um transexual trinta anos depois*. São Paulo: Leya, 2011.

PEREIRA, Z. M.; MONTEIRO, S. S. Gênero e sexualidade no ensino de ciências no Brasil: Análise da produção científica. *Revista Contexto e Educação*, Ijuí, v. 30, n. 95, p. 117-146, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/3155>. Acesso em: 09 dez. 2020.

PETRY, A. R. Transgender women and the Gender Reassignment Process: subjection experiences, suffering and pleasure in body adaptation. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 70-75, jun. 2015. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/1983-1447.2015.02.50158>. Acesso em: 09 dez. 2020.

RESSEL, L. B.; GUALDA, D. M. R. A sexualidade como uma construção cultural: reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 82-87, set. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342003000300010>. Acesso em: 09 dez. 2020.

ROCÓN, P. C.; SILVA, A. I.; SODRÉ, F. Diversidade de gênero e Sistema Único de Saúde: uma problematização sobre o processo transexualizador. *SER Social*. Brasília, DF, v. 20, n. 43, p. 432-448, jul./dez. 2018. Disponível em: [https://doi.org/10.26512/ser\\_social.v20i43.18870](https://doi.org/10.26512/ser_social.v20i43.18870). Acesso em: 09 dez. 2020.

ROCON, P. C. *et al.* Desafios encontrados por pessoas trans para acessar o processo transexualizador do Sistema Único de Saúde. *Interfaces*. Botucatu, v. 23, n. e180633, p. 1-14, ago. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/interface.180633>. Acesso em: 09 dez. 2020.

RODRÍGUEZ, N. E. M.; CERVANTES, O. O. G.; MARTÍNEZ-GUZMÁN, A. Transgender identities and transphobia in the Mexican context: a narrative approach. *Quaderns de Psicologia*, Barcelona, v. 17, n. 3, p. 71, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1279>. Acesso em: 09 dez 2020.

SAMPAIO, L. L. P.; COELHO, M. T. A. D. Transexualidade: aspectos psicológicos e novas demandas ao setor saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 16, n. 42, p. 637-649, jul./set. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832012000300005>. Acesso em: 09 dez 2020.

SILVA, R. G. L. B.; BEZERRA, W. C.; QUEIROZ, S. B. Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 364-372, set./dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26i3p364-372>

SOARES, L. S. *Cuidado em saúde e transfobia: percepções de travestis e transexuais de duas regiões do Rio de Janeiro: Maré e Cidade de Deus, sobre os serviços de saúde*. 2018. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: [https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/27920/2/ve\\_Luciano\\_Silveira\\_ENSP\\_2018.pdf](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/27920/2/ve_Luciano_Silveira_ENSP_2018.pdf). Acesso em: 09 dez. 2020.

SONETTI, S. L. Identidade de gênero social e identidade de gênero erótico-sexual: o corpo que interage. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 29, n. 2, p. 47-57, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v29i2.76>. Acesso em: 09 dez 2020.

SOUZA, E. R. *Relatório descritivo projeto transexualidades e saúde pública no Brasil: entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans*. Belo Horizonte: Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT/Fafich/UFMG, 2015. Disponível em: <http://www.nuhufmg.com.br/homens-trans-relatorio2.pdf>. Acesso em: 09 dez 2020.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.